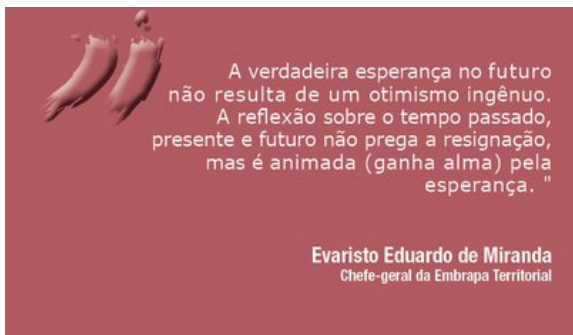




[KIT MÍDIA](#) [CONGRESSOS E EVENTOS](#) [CADASTRE-SE](#) [PROJETOS ESPECIAIS](#) [QUEM SOMOS](#) [ESPAÇO DO FORNECEDOR](#) [AGENDA](#) [EMPREGOS](#)



[LEIA ESTA EDIÇÃO ON-LINE](#)

[LEIA OS ARTIGOS DESTA EDIÇÃO](#)

[PESQUISA POR ARTICULISTA](#)

[CADASTRE E RECEBA AS EDIÇÕES ELETRÔNICAS](#)

Evaristo Eduardo de Miranda

Chefe-geral da Embrapa Territorial

Op-AA-62

O futuro da esperança

Qual o futuro da agropecuária, da Amazônia ou do setor florestal ou da agroenergia no Brasil? Como refletir sobre o futuro da mecanização, da automação, da comunicação ou da pesquisa genética na agropecuária brasileira? Qualquer reflexão sobre o futuro do setor agroflorestal, dos profissionais, das tecnologias ou das empresas envolvidas implica pensar na perspectiva do tempo. Com ou sem esperança?

O objeto de reflexão deste artigo é difícil de enxergar na quarta dimensão: a esperança. Como em muitas das opiniões aqui reunidas, eu vejo o futuro da agricultura e do setor florestal com esperança. Muita gente não. É possível pensar no futuro sem esperança? Pode haver progresso sem esperança? Esta revista comunica esperança.

A esperança é um sentimento tão espalhado e compartilhado que, talvez, seja difícil explicar claramente do que se trata. Ela é um fenômeno propriamente humano e, por isso, infinitamente complexo, ao misturar sentimentos e razão. Ela permeia a atuação profissional e determina o futuro ao influenciar nas decisões e escolhas de pessoas, equipes e empresas. Depois de todas as análises técnicas e econômicas, dos cenários e prognósticos, as decisões pessoais e empresariais são influenciadas pela esperança, seja num clima otimista ou pessimista. A esperança impulsiona a ação e é um antídoto ao imobilismo.

Não basta "a esperança em dias melhores". Ninguém pode reduzir a esperança à espera passiva, e até crédula, da chegada de um futuro capaz de corrigir o presente. Esperar imóvel por dias melhores é não ter esperança. Pior ainda é ignorar o futuro. Outra ameaça ao futuro está em pensar apenas no presente, viver apenas no presente.

O presentismo nega o progresso e hipoteca o futuro. Sinal dos tempos, ele é pregado atualmente por muitas lideranças, como uma atitude de sabedoria oriental: viver no presente, ignorando a inexorável marcha do tempo. O presentismo é um veneno.

A verdadeira esperança é sempre uma reflexão sobre o tempo. Sobre o tempo passado, como campo das experiências vividas e sobre o tempo futuro, como um horizonte de expectativas. Dessa reflexão resultam, certamente, muitos dos artigos aqui reunidos.

A verdadeira esperança no futuro não resulta de um otimismo ingênuo. A reflexão sobre o tempo passado, presente e futuro não prega a resignação, mas é animada (ganha alma) pela esperança. Essa reflexão confia no progresso, na capacidade de progresso das pessoas, comunidades e povos. Quem, nas empresas, nos laboratórios, nas fazendas ou nas famílias, cumpre esse papel e exerce essa reflexão?

A noção de progresso tem um papel determinante na construção da esperança como sentimento. O progresso é um horizonte coletivo que se cultiva. A ideia de progresso está intimamente ligada a um grau de esperança. Ela está estampada em nossa bandeira. Segundo Henri Bergson, "o homem não pode exercer sua faculdade de pensar sem se representar um futuro incerto que desperta nele seu medo e sua esperança".

Esse filósofo e diplomata francês, laureado como Nobel de literatura em 1927, diferente de Platão e René Descartes, que usavam a geometria como modelo para fazer da metafísica uma ciência, adotou a biologia, a psicologia e a sociologia como fundamentos de seu pensamento filosófico. E deu muita atenção à esperança.

A crise da esperança que atravessamos vem, em parte, da falta de recuo diante dela mesma. Isso leva muitos a dois excessos: o abandono da esperança ou, pelo contrário, o encerramento em uma credulidade infantil. A esperança é intimamente ligada ao julgamento que fazemos do futuro, como demonstrou René Descartes (Les passions de l'âme). A esperança se transforma rapidamente em temor, e até em desespero, quando a probabilidade de que nossos desejos se realizem é pequena.

Nessa perspectiva, o abandono da esperança é um refúgio contra a decepção das expectativas não obtidas. O eclipse da esperança nas sociedades e nas empresas atravessadas pela incerteza, a valorização apenas do instante presente, o único ao nosso alcance, conduzem à apatia política e social por falta de projeção ou pela morte do idealismo. É a morte da inovação e da criatividade. Quando manifestar a esperança torna-se um tabu, a própria esperança fica entregue ao campo religioso, o único capaz de oferecer um horizonte de expectativas para além da política.

A esperança no futuro da agropecuária nacional e das instituições, empresas e atores que constituem seus diversos setores não é apenas a soma de expectativas positivas individuais. Está em jogo, nos dias de hoje, o desafio de refundar a esperança coletiva, como um sentimento a ser levado no seio da atividade política no sentido amplo do termo. Mesmo quando a esperança coletiva fica travada, a esperança individual resiste.

A tradição cristã dá muito valor a três virtudes que vêm de Deus: fé, esperança e caridade. A esperança, segunda virtude teológica, tem como símbolo a âncora. Já nos primeiros séculos, os cristãos desenhavam e esculpiam âncoras nos túmulos, manifestando a esperança na ressurreição do falecido. Os cristãos assimilavam a forma da cruz com a da âncora, uma espécie de cruz invertida. A simbologia da âncora ultrapassa o campo da fé.

A âncora, essa pesada massa de ferro, é capaz de reter o barco diante das inconstâncias do mar e da deriva. Essa é a função da esperança na vida.

Símbolo de firmeza, a âncora evoca solidez, segurança, tranquilidade e fidelidade. No meio da mobilidade do mar, a âncora é estável, imóvel, fixa e constante.

A âncora lembra a capacidade de manter a calma, a lucidez e a firmeza diante de turbilhões dos sentimentos e dos atos da vida. A correnteza e as marés não arrastam os barcos quando estão bem ancorados. O mesmo ocorre com quem tem esperança. A última garantia dos marinheiros nas tempestades era a âncora. Para quem tem a impressão de que não há mais esperança, além do símbolo da âncora, cabe a imagem do eclipse. Durante um eclipse solar ou lunar, o astro não desaparece. Está apenas encoberto, velado, aguardando ser descoberto, esperando para brilhar e iluminar em plena luz. Basta remover o véu.

Não é necessário saber tudo para encarar o futuro. Basta saber selecionar o que realmente está dotado de valor. É possível entrever, com infinita esperança, para além do véu do cotidiano. Eu vejo o futuro com esperança. Basta remover o véu. Como diz o dito popular: "a esperança é a última que morre". E, como dizia um amigo, arcebispo emérito de Teresina, já falecido: "e, ainda assim, estrebucha muito antes de morrer". Haja esperança!



© 2013 - **Revista Opiniões**
Direitos reservados

[Home](#)
[Kit Mídia](#)
[Congresso e Eventos](#)
[Projetos Especiais](#)
[Quem Somos](#)
[Espaço do Fornecedor](#)
[Agenda de Eventos](#)



Revista Opiniões
1,515 likes

Like Page

Share

Be the first of your friends to like this